



HARLAN COBEN

70 milhões de livros vendidos no mundo

O MEDO MAIS PROFUNDO

Do que você seria capaz
para salvar seu filho?

Uma história de **MYRON BOLITAR**





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Este livro é para o seu pai. E para o meu.

*Quando um pai dá ao filho, os dois riem.
Quando um filho dá ao pai, os dois choram.*

– PROVÉRBIO IÍDICHE

– *Qual é seu medo mais profundo? – sussurra a voz. – Feche os olhos e imagine. Você consegue visualizar? A agonia mais terrível?*

Após uma longa pausa, digo:

– *Sim.*

– *Ótimo. Agora imagine algo muito mais terrível...*

“A MENTE TERRORISTA”, DE STAN GIBBS,
COLUNA DO *THE NEW YORK HERALD*,
16 DE JANEIRO

capítulo 1

UMA HORA ANTES DE SEU mundo explodir feito um tomate maduro perfurado por um salto agulha, Myron dava uma mordida num bolo recém-saído do forno, que tinha um gosto suspeito de naftalina.

– E aí? – perguntou a mãe.

Com muito custo, Myron conseguiu engolir e responder:

– Nada mau.

A mãe balançou a cabeça, desapontada.

– Que foi? – indagou Myron.

– Sou advogada. Você deveria mentir melhor.

– Você fez o melhor que pôde.

A mãe deu de ombros e apontou para o, ahn, bolo:

– É a primeira vez que faço, *bubbe*. Tudo bem, pode dizer a verdade.

– Parece naftalina.

– Parece o quê?

– Aquela coisa que tem nos banheiros públicos. Nos mictórios. Eles colocam por causa do cheiro, acho.

– E você come isso?

– Não...

– Será que é por isso que seu pai fica tanto tempo no banheiro? Comendo naftalina? E eu aqui achando que era o problema na próstata.

– Estou brincando, mãe.

Ela sorriu. Seus olhos azuis estavam avermelhados, e colírio nenhum conseguia clareá-los. Era um vermelho que só se alcançava com um choro constante, algo que não combinava com o estilo zombeteiro da mãe.

– Eu também, espertalhão. Você acha que é o único na família com senso de humor?

Myron não disse nada. Olhou para o “bolo” com medo, ou talvez esperança, de que fosse rastejar para longe dele. Nos mais de trinta anos em que vivia naquela casa, a mãe nunca tinha assado nada – fosse da própria cabeça, com receita ou algum produto pré-pronto. Mal conseguia ferver água se não recebesse instruções muito precisas e praticamente nunca cozinhara, embora fizesse uma pizza congelada muito ruim no micro-ondas, depois de apertar o painel numérico com dedos ágeis que lembravam a performance

de um dançarino profissional. Não, para a família Bolitar, a cozinha era mais um local de reuniões, que nada tinha a ver com culinária, mesmo a do tipo mais rústico. A mesa redonda servia para empilhar revistas, catálogos e as caixas de comida chinesa do restaurante. O fogão se envolvia em menos ação do que os filmes de Bergman. Era apenas um adereço, como aquelas bíblias enormes que ficam abertas na cômoda de um quarto.

Havia alguma coisa errada, definitivamente.

Eles estavam sentados na sala, com seu sofá modulado branco, de couro falso antiquado, e o tapete tingido de azul-esverdeado, cujos pelos emaranhados faziam Myron se lembrar de um forro de vaso sanitário. Pela janela panorâmica, ele lançava olhares furtivos para a placa de “Vende-se” no jardim, como se fosse um disco voador que tivesse acabado de aterrissar e algo sinistro estivesse prestes a sair dali.

– Cadê meu pai?

A mãe fez um gesto entediado com a mão em direção à porta.

– Está no porão.

– No meu quarto?

– Seu *antigo* quarto. Você já se mudou, lembra?

Claro que sim: saíra de casa em idade muito precoce, nada menos que aos 34 anos. Especialistas em educação infantil salivariam e balançariam a cabeça em desaprovação ao filho pródigo que tinha preferido permanecer no casulo do porão muito depois do prazo adequado para a borboleta se libertar. Myron, entretanto, poderia argumentar o contrário, alegando que, durante gerações e na maioria das culturas, a prole vivia na casa paterna até a idade madura. A adoção dessa filosofia poderia, na verdade, contribuir para o bem da sociedade, ajudando as pessoas a permanecerem enraizadas em algo tangível, naquela era de desintegração do núcleo familiar. Se ninguém engolissem essa linha de raciocínio, Myron podia tentar outra: ele tinha dezenas na manga.

Contudo, a verdade era bem simples: ele gostava de ficar no subúrbio com os pais – mas confessar essa fraqueza era algo tão interessante quanto a oitava faixa de um CD do Air Supply.

– E o que ele está fazendo? – perguntou Myron.

– Seu pai acha que você só vai chegar daqui a uma hora.

Myron balançou a cabeça, intrigado.

– E o que está fazendo no porão?

– Ele comprou um computador e está brincando com ele lá embaixo.

– Meu pai fez isso?

– Pois é... O homem não consegue trocar uma lâmpada sem manual de instruções e, de repente, vira Bill Gates. Navegando no barco.

– Na verdade, na rede – corrigiu Myron.

– O quê?

– Chamam de rede, mãe: net, internet.

– Mas como se navega numa rede? Rede é para pescar.

– É uma rede de computadores, eles estão conectados.

– Bem, seja o que for, seu pai fica lá o tempo todo, tecendo a rede ou sei lá o quê. Conversa com pessoas, Myron. É o que ele me conta. Com estranhos. Como fazia na época de radioamador, lembra?

Por volta de 1976, os pais judeus do subúrbio checavam por rádio se não havia policiais no caminho até a delicatessen. Eram comboios enormes de Cadillacs Seville. Rua 10 com a 4 livre, câmbio.

– E isso não é tudo – continuou ela. – Ainda está escrevendo suas memórias. Um homem que não sabe fazer a lista de supermercado sem consultar um manual de estilo de repente começa a achar que é um ex-presidente.

Eles estavam vendendo a casa; Myron ainda não conseguia acreditar naquilo. Seus olhos perambulavam pelo entorno tão familiar, detendo-se nas fotos penduradas na parede da escada. Dava para ver a família envelhecendo pelas roupas e penteados – saias e costeletas aumentando e diminuindo; franjas, suede e *tie-dye*; jaquetões e calças de boca de sino; smokings de babado, cafonas demais até para um cassino de Las Vegas –, os anos passando como em um desses comerciais depressivos de seguro de vida. Myron observava suas jogadas de basquete na época da escola: um lance livre na liga suburbana, no sexto ano, uma disparada pelo meio do campo no oitavo, uma cesta no ensino médio. A série terminava com fotos de capa da *Sports Illustrated*, duas de quando jogava na Duke e uma de sua perna engessada, com a manchete ESSE É O FIM? em letras garrafais (todos sabiam que a resposta era um SIM! num corpo maior ainda).

– E qual é o problema? – perguntou ele.

– Não disse que era um problema – respondeu a mãe.

Myron balançou a cabeça, decepcionado.

– E você é uma advogada...

– Dando mau exemplo?

– Não é de admirar que eu nunca tenha me candidatado a um cargo público.

Ela cruzou as mãos no colo.

– Precisamos conversar.

Myron não gostou do tom.

– Mas não aqui – acrescentou a mãe. – Vamos dar uma volta no quarteirão.

Ele assentiu e os dois se levantaram. Antes que alcançassem a porta, o celular tocou. Myron o sacou com uma rapidez que faria inveja a qualquer pistoleiro de faroeste. Pigarreou e atendeu com uma voz aveludada, profissional:

– MB Representações Esportivas. Myron Bolitar falando.

– Bela voz – comentou a pessoa do outro lado.

Esperanza Diaz era a secretária de longa data, e agora sócia, na MB Representações Esportivas (o M era de Myron e o B, de Bolitar, a quem interessar possa).

– Pensei que fosse Lamar – disse ele.

– Ele não ligou ainda?

– Não.

Quase pôde vê-la franzir a testa.

– Estamos completamente atolados aqui.

– Aqui não. Estou tomando fôlego para a volta ao trabalho.

– Tomando fôlego como Pavarotti antes da Maratona de Boston.

– Hum... Mandou mal.

– Cale a boca.

Lamar Richardson era um jogador de beisebol do Golden Globe, bom rebatedor, que estava sem agente no momento – “sem agente” era um termo que os empresários da área esportiva murmuravam, da mesma forma que um mufti sussurra “Alá é grande”. Em busca de uma empresa que o representasse, tinha reduzido a lista de opções a três agências: dois conglomerados gigantescos, com escritórios do tamanho de um hipermercado, e a já insignificante mencionada, mas muito intimista e acolhedora MB.

Myron viu a mãe parada à porta. Trocou o celular de ouvido e perguntou:

– Mais alguma coisa?

– Você nunca vai adivinhar quem ligou – disse Esperanza.

– Elle e Claudia querendo outro *ménage à trois*?

– Aaahh, quase isso.

Ela não iria lhe contar: com seus amigos, tudo era um *game show*.

– Dê uma dica.

– Ex.

Myron pareceu levar um tranco.

– Jessica.

Esperanza soltou um *pééé*.

– Lamento, errou de vagabunda.

Myron estava curioso. Tivera apenas dois relacionamentos longos na vida: um com Jessica, indo e vindo, durante os últimos treze anos (agora mais indo que vindo). E antes disso, bem, seria necessário voltar a...

– Emily Downing?

Esperanza fez um *plim-plim*.

Uma imagem súbita perfurou seu coração como uma lâmina certa. Viu Emily sentada no sofá surrado do porão da fraternidade, lançando-lhe *aquele* sorriso, de pernas cruzadas, vestindo o blusão do time da escola, num número bem maior que o dela, gesticulando para ele.

Sua boca ficou seca.

– O que ela queria?

– Não sei. Mas disse que *precisa* falar com você. Ela é meio ambígua, sabe. Tudo o que diz tem duplo sentido.

Com Emily era assim.

– Ela é boa de cama? – questionou Esperanza.

Por ser uma bissexual muito ativa, a sócia via todo mundo como possível parceiro. Myron se perguntou como seria aquilo, ter e avaliar tantas opções. Então decidiu não imaginar. Homem sábio.

– O que ela falou exatamente?

– Nada específico. Desfiou uma série de palavras palpitantes: *urgente, questão de vida ou morte, assunto gravíssimo*, etc., etc.

– Não quero falar com Emily.

– Imaginei. Se ligar de novo, quer que eu me livre dela?

– Por favor.

– *Más tarde*, então.

Ele desligou quando uma segunda imagem já o golpeava, como uma onda que vem de surpresa na praia. Último ano na Duke. Emily muito calma jogando o blusão do time na cama dele e saindo. Não muito depois, casou-se com o homem que arruinaria a vida de Myron.

Respire profundamente, disse a si mesmo. Inspire e expire. Isso.

– Está tudo bem? – perguntou a mãe.

– Tudo.

Ela balançou outra vez a cabeça, decepcionada.

– Não estou mentindo – replicou Myron.

– Certo, claro, ótimo, é normal respirar como numa ligação de telessexo. Escute, se não quer contar para sua mãe...

– Não quero contar para minha mãe.

– ... que criou você e...

Myron ignorou-a, como de costume. Ela estava outra vez divagando, voltando ao passado. Era uma coisa que fazia muito. Uma hora, era moderna, uma feminista pioneira que marchou ao lado da jornalista Gloria Steinem, prova viva de que “Lugar de mulher é em casa... e na Câmara e no Senado”, como estava escrito em sua velha camiseta. Na frente do filho, contudo, a roupa progressista caía no chão, revelando a *yenta* fofoqueira, com a *babushka* na cabeça, que havia sob o sutiã queimado. Essa dubiedade contribuiu para uma infância interessante.

Os dois saíram da casa. Myron mantinha os olhos na placa de “Vende-se”, como se ela pudesse de repente sacar uma arma. Em sua mente surgiu uma imagem inédita: o dia ensolarado em que a mãe e o pai tinham chegado ali pela primeira vez, de mãos dadas, a barriga dela revelando a gravidez, os dois assustados e animados, percebendo que aquela casa de três quartos iria ser o navio que singraria os mares da vida. Agora, gostassem ou não, essa viagem estava chegando ao fim. Hora de esquecer aquela bobagem de “quando se fecha uma porta, outra se abre”. A placa de “Vende-se” simbolizava o término – da juventude, da meia-idade, da família, do universo de duas pessoas que ali tinham levado suas vidas, lutando, criando os filhos, trabalhando.

Caminharam pela rua. Folhas se amontoavam ao longo do meio-fio, o sinal mais óbvio de um outono suburbano, sopradas por máquinas que zumbiam como helicópteros sobre Saigon. De propósito, Myron passou por elas, fazendo-as estalar sob seus tênis; ele gostava do som, não sabia bem por quê.

– Seu pai falou com você – começou a mãe, com um tom de pergunta – sobre o que aconteceu com ele.

Myron sentiu uma pontada no estômago. Mergulhou nas folhas, levantando mais alto as pernas e pisando com mais força.

– Sim.

– O que ele disse exatamente? – quis saber a mãe.

– Que sentiu umas dores no peito enquanto eu estava no Caribe.

A casa dos Kaufmans sempre fora amarela, mas a nova família proprietária a havia pintado de branco. Parecia estranha naquela cor, deslocada. Algumas residências agora estavam todas em alumínio, já outras ganharam anexos e suas cozinhas e quartos foram remanejados. Os jovens moradores da antiga casa dos Millers se livraram dos canteiros externos de flores nas janelas, outrora sua marca registrada. Os novos donos da residência dos

Davis tinham retirado os arbustos maravilhosos que Bob aparava todo fim de semana. A Myron, aquilo parecia um exército invasor arrancando os estandartes dos conquistados.

– Ele não queria contar – continuou a mãe. – Você conhece seu pai. Ainda acha que precisa resguardar você.

Myron assentiu, parado em meio às folhas.

– Foram mais que dores no peito – acrescentou ela.

Ele congelou.

– Foi um infarto de verdade – prosseguiu a mãe, sem olhá-lo nos olhos.

– Ele ficou na UTI por três dias. – A mãe começou a pestanejar, os olhos marejados. – A artéria estava quase toda entupida.

Myron sentiu a garganta se contrair.

– Essa situação o transformou. Sei quanto você o adora, mas precisa aceitar isso.

– Aceitar o quê?

– Que seu pai está ficando velho – respondeu ela, numa voz suave e firme. – *Eu* estou ficando velha.

Ele refletiu um instante.

– Estou tentando.

– Mas...?

– Mas vejo essa placa de “Vende-se”...

– Madeira, tijolo e prego, Myron.

– O quê?

Ela atravessou uma pilha de folhas e segurou em seu braço.

– Me escute. Você fica aí com essa cara de enterro, mas essa casa não é a sua infância. Não faz parte da sua família. Não respira, pensa ou sente. É só madeira, tijolo e prego.

– Vocês moram aí há mais de 35 anos.

– E daí?

Ele se virou e continuou andando.

– Seu pai quer ser honesto com você – prosseguiu ela –, mas você não está facilitando as coisas.

– Por quê? O que eu fiz?

A mãe olhou para o céu, como se procurasse inspiração divina, e se pôs a caminhar. Myron seguia a seu lado. Ela deu o braço ao filho e se apoiou nele.

– Você sempre foi um excelente atleta. Verdade seja dita, diferente do seu pai, que era um desastre.

– Eu sei.

– Certo. Você sabe porque seu pai nunca fingiu ser o que não era. Permitia que você o visse como um ser humano, vulnerável. E isso teve um efeito estranho: você passou a adorá-lo mais ainda. Você o transformou em algo quase mítico.

Myron não teve o que argumentar. Dando de ombros, replicou:

– Eu o amo.

– Eu sei, querido. Mas ele é apenas um homem. Um bom homem. Que está ficando velho agora, assustado. Seu pai sempre quis que você o visse como humano. Mas não assustado.

Myron manteve a cabeça baixa. Não dá para imaginar os pais fazendo certas coisas – sexo é o exemplo mais comum. A maioria das pessoas não consegue, e provavelmente sequer tentou, imaginar pegar os pais em flagrante. Naquele momento, todavia, ele tentava evocar outro tabu: o pai sentado sozinho no escuro, com a mão no peito, assustado. Essa visão, embora possível, era dolorosa, insuportável. Quando falou novamente, sua voz saiu tensa:

– E o que devo fazer então?

– Aceitar as mudanças. Seu pai está se aposentando. Trabalhou a vida inteira e, como a maioria dos machões imbecis daquela época, sua noção de valor próprio está ligada ao trabalho. Portanto, tem passado por um período difícil. Não é mais o mesmo. *Você* não é mais o mesmo. O relacionamento de vocês está mudando, e nenhum dos dois gosta de mudanças.

Myron ficou em silêncio, esperando por mais.

– Aproxime-se dele um pouco – aconselhou a mãe. – Ele deu apoio a você a vida inteira. Ele nunca vai pedir, mas agora é sua vez.

Ao dobrarem a última esquina, Myron viu um Mercedes estacionado em frente à placa de “Vende-se”. Perguntou-se por um instante se seria um corretor mostrando a casa. O pai estava no jardim conversando com uma mulher. Gesticulava muito e sorria. Fitou o seu rosto: a pele áspera que sempre dava a impressão de uma barba por fazer; o nariz proeminente com o qual costumava “socá-lo” durante as lutas de brincadeira, às gargalhadas; as pálpebras caídas e os tufos de cabelo grisalho que permaneciam, teimosos, após a basta cabeleira negra ter ido embora. Myron sentiu um aperto no coração.

O pai o viu e acenou.

– Veja quem apareceu!

Emily Downing se virou e lhe deu um sorriso tenso. Myron a encarou em silêncio. Cinquenta minutos haviam se passado. Mais dez e o salto alto esmagaria o tomate.

capítulo 2

OS PAIS SE MANTIVERAM AFASTADOS. Apesar das intromissões já quase lendárias, os dois possuíam a extraordinária habilidade de vagar pela Ilha dos Xeretas sem pisar nas minas do exagero. Então desapareceram dentro da casa.

Emily tentou esboçar um sorriso, mas em vão.

– Ora, ora, ora – disse ela, quando ficaram a sós –, se não é o partidão que deixei escapar.

– Você falou isso na última vez em que nos encontramos

– Falei?

Eles haviam se conhecido na biblioteca, no primeiro ano da Duke. Na época, Emily era gordinha – não que isso fosse ruim –, porém, com o passar dos anos, ela se tornou mais esguia e atlética – mais uma vez, nenhum problema. De qualquer forma, continuava impactante. Era mais atraente que bonita. Gostosa, exalando sensualidade. Na escola, usava o cabelo comprido e encaracolado, sempre com aquela aparência de “oh, usei o xampu errado”, tinha um sorriso matreiro, capaz de obter mais uma estrela na classificação de um filme, e um corpo sinuoso que parecia ter a palavra *sexo* piscando, como a imagem de um projetor velho. Não importava que não fosse bonita: não conseguiria eliminar a sensualidade nem se vestisse um saco de pano e colocasse um cachorro atropelado na cabeça.

O mais estranho é que os dois eram virgens quando se conheceram, tendo de alguma forma perdido a talvez superestimada revolução sexual dos anos 1970 e 1980. Myron sempre achou que essa história era só exagero ou, no mínimo, algo que não conseguira se infiltrar pelas fachadas de tijolinhos das escolas dos subúrbios. Por outro lado, ele era especialista em colocar a culpa em si mesmo. Logo, provavelmente se tratava de um defeito seu – se é que a ausência de promiscuidade poderia ser considerada um defeito. Sempre se sentira atraído pelas meninas “de família”, mesmo no ensino médio. Relações casuais nunca o interessaram. Cada garota que conhecia era avaliada como uma potencial parceira para a vida toda, uma cara-metade, um amor eterno, como se todos os relacionamentos fossem uma canção dos Carpenters.

Com Emily, entretanto, havia sido uma exploração sexual completa.

Aprenderam tudo um com o outro em passos vacilantes, mas dolorosamente abençoados. Mesmo agora, por mais que a detestasse, podia ainda sentir a contração, lembrar-se da forma como seus nervos ficavam à flor da pele na cama. Ou no banco de trás do carro. Num cinema, numa biblioteca e, uma vez, até durante uma palestra de ciências políticas sobre *Leviatã*, de Hobbes. Seu primeiro relacionamento longo terminou mais como uma música da banda Meat Loaf: quente, pesado, suado, rápido.

Na verdade, fora mais do que isso. Myron e Emily ficaram juntos por três anos. Ele a amara e ela fora a primeira a partir seu coração.

– Tem algum café aqui perto? – perguntou ela.

– Uma Starbucks.

– Eu dirijo.

– Não quero ir com você, Emily.

Ela lhe deu *aquele* sorriso.

– Perdi o encanto, não é?

– Ele perdeu o efeito sobre mim já faz muito tempo. – Era uma meia verdade.

Emily se remexeu, inquieta. Myron observou, pensando no que Esperanza dissera. Não eram só a voz e as palavras: até os movimentos tinham duplo sentido.

– É importante, Myron.

– Não para mim.

– Você nem sabe do que se trata...

– Não interessa, Emily. Você é passado. Assim como o seu marido...

– Meu *ex*-marido. Me divorciei, lembra? E nunca soube o que ele fez com você.

– Claro – retrucou Myron. – Você foi apenas a motivação.

Ela o encarou.

– Não é tão simples assim. Você sabe disso.

Ele concordou; Emily estava certa, claro.

– Eu sempre soube por que fiz aquilo – falou Myron. – Estava sendo um idiota competitivo, querendo sempre ficar um passo à frente de Greg. Mas e você?

Ela balançou a cabeça. O antigo cabelo teria sido jogado de um lado para outro, por fim cobrindo metade do rosto. O penteado novo era mais curto e estilizado, mas Myron ainda imaginava as melenas encaracoladas.

– Isso não importa mais – retrucou ela.

– Acho que não. Mas sempre fiquei curioso.

– Nós dois bebemos muito.

– Simples assim?

– Sim.

Myron fez uma careta.

– Desculpa esfarrapada.

– Talvez tenha sido só por sexo.

– Um mero ato físico?

– Talvez.

– Uma noite antes de você se casar com outro cara?

– Foi uma burrice, ok?

– Se você diz...

– Talvez eu estivesse com medo – comentou ela.

– De se casar?

– De me casar com o homem errado.

– Meu Deus, você não tem vergonha na cara.

Emily ia continuar, porém se conteve, como se não tivesse mais energia para discutir. Myron queria que ela fosse embora, mas com ex-amantes sempre há uma tristeza subjacente. Diante da pessoa, estende-se uma estrada que não foi percorrida, uma espécie de “e se?”, a materialização de uma vida alternativa se as coisas tivessem sido um pouco diferentes. Ele não sentia mais o mínimo interesse por ela; mesmo assim, suas palavras ainda tinham o poder de fazer reaparecer seu antigo eu, com direito a mágoas e tudo o mais.

– Faz catorze anos – disse ela, em voz baixa. – Você não acha que já está na hora de seguir em frente?

Ele pensou no que aquela noite “meramente física” lhe custara. Tudo, talvez. O sonho de uma vida toda, com certeza.

– Você está certa – respondeu Myron, virando-se para outro lado. – Por favor, vá embora.

– Preciso da sua ajuda.

– Como você mesma disse, está na hora de seguir em frente.

– Apenas tome um café comigo. Com uma velha amiga.

Ele quis recusar, mas o passado exercia uma força muito grande. Myron assentiu, com medo de falar qualquer coisa. Foram de carro, em silêncio, até a Starbucks e pediram cafés elaborados a um barista que parecia se achar um artífice da bebida. Colocaram todos os condimentos possíveis,

debruçando-se sobre a pequena bancada, passando o braço um por cima do outro para pegar o leite desnatado e o adoçante, como se jogassem uma espécie de Twister. Sentaram-se em cadeiras de metal que tinham o recosto muito baixo. O sistema de som estava tocando reggae, um CD chamado *Jamaican Me Crazy*.

Emily cruzou as pernas e tomou um gole do café.

– Você já ouviu falar em anemia de Fanconi?

Um começo muito interessante.

– Não.

– É um tipo de anemia hereditária causada por uma deficiência na medula óssea. Ela enfraquece os cromossomos.

Myron esperou.

– Você está familiarizado com transplantes de medula óssea?

Estranha linha de interrogatório. Contudo, ele decidiu jogar limpo:

– Um pouco. Um amigo meu teve leucemia e precisou de um. Eles instalaram uma unidade de transplante na sinagoga. Fomos todos até lá para fazer o exame.

– Quando você diz “fomos todos”...

– Meus pais, a família toda. Acho que Win também.

Ela inclinou a cabeça.

– Como está Win?

– O mesmo de sempre.

– Lamento ouvir isso. Quando estávamos na Duke, ele costumava escutar a gente fazer amor, certo?

– Só quando fechávamos a cortina e ele não conseguia assistir.

Emily riu.

– Ele nunca gostou de mim.

– Você era a favorita dele.

– Sério?

– Isso não quer dizer muito.

– Ele odeia mulher, não é?

Myron pensou no assunto.

– Como objeto sexual, gosta. Mas em termos de relacionamento...

– Um tipo estranho.

Imagine se ela o conhecesse de verdade. Emily deu outro gole no café.

– Estou enrolando.

– Já reparei.

– E o que aconteceu com seu amigo que estava com leucemia?

– Morreu.

Ela empalideceu de repente.

– Sinto muito. Que idade ele tinha?

– Trinta e quatro.

Emily tomou mais um gole, segurando o copo com as duas mãos.

– Você faz parte, então, do cadastro nacional de doadores de medula?

– Acho que sim. Doei sangue e eles me entregaram um cartão de doador.

Ela fechou os olhos.

– Que foi? – perguntou Myron.

– A anemia de Fanconi é fatal. Pode ser tratada durante um tempo, com transfusões de sangue e hormônios, mas só é curada com transplante de medula.

– Não estou entendendo, Emily. Você está com essa doença?

– Ela não dá em adultos – respondeu ela, pousando o café e olhando para cima.

Ele não era muito bom em decifrar olhares, mas o sofrimento daquele era tão óbvio quanto um letreiro de neon.

– Só dá em crianças.

Como se numa deixa, a trilha sonora da Starbucks mudou, passando para uma música instrumental sombria. Myron aguardou, mas não demorou muito.

– Meu filho tem essa doença – revelou ela.

Myron se lembrou da visita à casa em Franklin Lakes, quando Greg havia desaparecido. Vira o garoto brincando no quintal com a irmã. Devia ter sido dois ou três anos antes. Um menino de mais ou menos 10 anos e uma irmã de 8, talvez. Greg e Emily estavam no meio de uma batalha sangrenta pela custódia, com os filhos no meio do fogo-cruzado, daqueles de que ninguém escapa incólume.

– Sinto muito – falou ele.

– Precisamos encontrar uma medula compatível.

– Pensei que irmãos quase sempre fossem compatíveis.

Seus olhos vagaram pela Starbucks.

– A chance é de 25 por cento – explicou ela, calando-se abruptamente.

– Ah.

– O cadastro nacional só encontrou três potenciais doadores. Isto é, os exames preliminares de HLA revelaram que eles eram uma esperança. O

HLA-A e o HLA-B eram compatíveis, mas ainda seriam necessários outros exames mais complexos, de sangue e tecido... – Ela se calou outra vez. – Estou ficando muito técnica. Não é minha intenção. Mas quando um filho adoece assim, é como se você passasse a viver numa redoma de jargão médico.

– Eu entendo.

– De qualquer modo, passar por essa primeira triagem já é como ganhar na loteria. O centro de hematologia convoca os doadores em potencial e realiza uma bateria de testes, mas a possibilidade de que eles sejam compatíveis para um transplante é muito baixa, principalmente quando só existem três.

Myron assentiu, ainda sem ter ideia do motivo para ela lhe contar tudo aquilo.

– Mas tivemos sorte – continuou Emily. – Um dos três era compatível com Jeremy.

– Que ótimo.

– Mas temos um problema – disse ela, dando um sorriso torto. – O doador desapareceu.

– Como assim, desapareceu?

– Não sei os detalhes. O cadastro é confidencial. Ninguém me explica o que está acontecendo. Parecia que seguíamos no caminho certo quando, de repente, o doador sumiu. O médico não pode dar nenhuma informação... como eu disse, as informações são confidenciais.

– Talvez o doador tenha mudado de ideia.

– Então precisamos fazer com que mude outra vez ou Jeremy vai morrer – replicou Emily com firmeza.

– O que você acha que aconteceu? Por que ele teria desaparecido?

– Ele ou ela.

– O quê?

– Não sei nada sobre a pessoa: idade, sexo, endereço, nada. Mas Jeremy não está bem e a chance de encontrar outro doador a tempo é quase nula.

– Ela tentava se controlar, mas Myron podia ver sua expressão prestes a desmoronar. – Precisamos encontrar esse doador.

– Foi por isso que você me procurou? Para que eu o encontre?

– Você e Win encontraram Greg quando ninguém conseguia. Assim que ele desapareceu, Clip foi logo até você. Por quê?

– Essa é uma história muito longa.

– Nem tão longa assim, Myron. Você e Win são especialistas nesse tipo de coisa. Vocês têm talento para isso.

– Mas não num caso desses – objetou ele. – Greg é um atleta famoso. Tem acesso à mídia, pode oferecer recompensas, pagar detetives particulares.

– Já estamos fazendo isso. Greg tem uma entrevista coletiva marcada para amanhã.

– Então pronto.

– Mas não vai dar certo. Eu disse ao médico de Jeremy que pagaríamos o preço que fosse ao doador, mesmo sendo uma prática ilegal. Mas tem alguma coisa errada. Tenho medo de que essa exposição toda cause o efeito contrário. Que faça com que o doador se esconda ainda mais, não sei.

– O que Greg acha disso tudo?

– Não conversamos muito, Myron. E, quando isso acontece, a discussão não costuma ser muito agradável.

– Greg sabe que você está me contando isso agora?

– Ele odeia você tanto quanto você o odeia. Talvez mais ainda.

Myron resolveu interpretar aquilo como um “não”. Emily mantinha os olhos fixos nele, examinando-lhe o rosto como se houvesse alguma resposta ali.

– Não posso ajudar você, Emily.

Ela pareceu ter levado uma bofetada.

– Me solidarizo com você, mas estou superando alguns problemas particulares.

– Está dizendo que não tem tempo?

– Não é isso. Um detetive particular teria mais chance...

– Greg já contratou quatro. Não conseguem nem descobrir o nome do doador.

– Duvido que eu possa fazer melhor.

– É a vida do meu filho, Myron.

– Eu entendo, Emily.

– Não dá para você pôr de lado a animosidade que sente por mim e pelo Greg?

Ele não tinha certeza.

– Não é esse o caso. Sou um empresário esportivo, e não detetive.

– Isso não o impediu de investigar outras vezes.

– E veja como as coisas terminaram. Sempre que me meto, é um desastre.

– Meu filho tem 13 anos, Myron.

– Lamento...

– Não quero a sua piedade, cacete! – Seus olhos se estreitaram, negros, e

ela se inclinou até seus rostos ficarem a centímetros um do outro. – Quero que você faça a conta.

Ele a encarou, confuso.

– O quê?

– Você é um empresário. Sabe tudo sobre números, certo? Faça a conta então.

Myron se afastou um pouco.

– De que diabo você está falando?

– O aniversário de Jeremy é dia 18 de julho. Faça a conta.

– Que conta?

– Mais uma vez: ele tem 13 anos, nasceu no dia 18 de julho e eu me casei em 10 de outubro.

Nada. Por alguns segundos, ficou ouvindo as mães conversando entre si, um bebê chorando, um barista gritando uma ordem para outro. Então compreendeu. Myron sentiu o coração congelar, o peito comprimido de forma insuportável, tornando quase impossível respirar. Abriu a boca, mas nada saiu. Era como se alguém tivesse batido com um taco de beisebol no seu plexo solar. Emily o observava, balançando a cabeça.

– Isso mesmo – falou ela. – Ele é seu filho.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br